

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O cinema Etnográfico do Marquês de Wavrin
31 de Março de 2022

AU PAYS DU SCALP / 1931

um filme de MARQUÊS DE WAVRIN

Realização, Imagem, Comentário: Robert de Wavrin (Marquês de Wavrin) / **Montagem e composição de som:** Alberto Cavalcanti, assistido por P. Raibaud / **Música:** Maurice Jaubert / **Interpretação musical:** Orchestre Symphonique De Paris / Registo musical: Tobis-Klang-Film / **Outros títulos:** In the Country of the Scalp.

Produção: Paul Chauvin, Pierre Marcel, Compagnie universelle cinématographique (CUC) (Bélgica, França) / **Cópia:** da Cinémathèque Royale de Belgique, em DCP (cópia restaurada, transcrição e restauro a partir dos negativos originais), preto e branco, versão inglesa, locução e intertítulos em inglês (e alguns em francês) e legendada electronicamente em português / **Duração:** 75 minutos / **Estreia Mundial:** 16 de Junho de 1931 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Sessão apresentada por Grace Winter

Robert de Wavrin de Villers-au-Tertre (1888-1971), conhecido como Marquês de Wavrin, foi um viajante e explorador belga, que se notabilizou pelo trabalho que desenvolveu durante as várias viagens que realizou na América do Sul entre 1913 e 1937. Em tais expedições registou, primeiro fotograficamente e mais tarde através do cinema, imagens dos vários povos e da natureza que encontrou em regiões remotas, acompanhando todo esse trabalho com uma recolha de objectos e a produção de documentação, que daria origem a vários livros e artigos de carácter etnográfico. Se, na época, o seu trabalho não teve grande reconhecimento por parte da comunidade científica, hoje permanece ainda largamente ignorado pela antropologia, como sublinhou Grace Winter no documentário que co-realizou com Luc Plantier (**Marquis de Wavrin, du manoir à la jungle**, 2018), ou num artigo recente que escreveu com Christine Moderbacher, em que traça o percurso de Robert de Wavrin (*The Life and Work of Marquis Robert de Wavrin, an Early Visual Anthropologist*, 2020). Todavia, **Au Pays du scalp**, a longa-metragem que mostramos hoje na sua versão inglesa, conquistou grande sucesso junto do público quando estreou em Junho de 1931.

Au Pays du Scalp foi precedido por **Au Centre de l'Amérique du Sud inconnue** (1924) e sucedido por **Chez les indiens sorciers** (1934) e **Venezuela, petite Venise** (1931), os quatro filmes mais conhecidos de Robert de Wavrin, que exibimos neste programa. A grande fortuna familiar permitiu-lhe que autofinanciasse as viagens que estariam na origem destes e de outros filmes, que desenvolveu entre 1924 e 1937, em que registou as tradições e os modos de vida das populações e culturas com que se cruzou, algumas das quais desapareciam gradualmente, mas também a fauna e a flora dessas mesmas regiões,

percorrendo e documentando paisagens desconhecidas, como tão bem enfatiza o título da sua primeira longa-metragem, **Au Centre de l'Amérique du Sud inconnue**.

Au Pays du Scalp resultou de uma longa viagem que durou vários anos, passando pelo Equador, Colômbia e Brasil, como nos vai mostrando um mapa que acompanha o filme e as palavras que nos conduzem. Entre 1928 e 1930 de Wavrin filmou mais de dez horas de película enquanto contactava com os povos ameríndios como os Boros, os Napos, ou os Jivaros (nome que atribui aos Shuar) e visitava Machu Picchu, a cidade perdida dos Incas no meio das montanhas, terminando a viagem nas ilhas Guano, no Pacífico Sul, onde foi autorizado a filmar, o que origina uma das mais belas sequências do filme. Como refere o já citado artigo, o próprio de Wavrin confessaria em 1931 que de todas as expedições à América do Sul a sua favorita é a descrita em **Au Pays du scalp**, tanto em termos científicos como em termos de descoberta pessoal.

As comunidades indígenas que visitou e com as quais conviveu durante muito tempo preenchem a maior parte do filme, que revela claramente as profundas dificuldades sentidas por uma viagem que atravessa paisagens tão diversas, elementos apetecíveis para os espectadores de então, ávidos do “exotismo” que, desde as primeiras imagens dos operadores Lumière, o cinema se apressou a representar. A crítica da época salientava as qualidades documentais de **Au Pays du scalp** e o seu grande valor por estar desprovido de propaganda imperialista. É importante notar que se vivia num período de grande imposição da propaganda colonial, marcado pelas grandes exposições, no caso português a Exposição Colonial do Porto em 1934, e em 1940 a Exposição do Mundo Português, em Lisboa, para onde foram deslocados membros de várias tribos dos territórios africanos sob domínio português, expostos em zoológicos humanos para gozo daqueles que visitavam tais exposições.

É complexo olharmos hoje para este filme, mas **Au Pays du scalp** é muito rico no modo como espelha os paradoxos e as contradições que atravessariam toda a obra de Robert de Wavrin. Nas imagens registadas é inegável a proximidade que mantém com aqueles que filma, que lhe permite aproximar-se dos seus costumes, mesmo os mais secretos. Os grandes planos daqueles que nos olham e os seus olhares-câmara revelam a empatia profunda que liga quem filma e quem é filmado. Todavia, sendo essa proximidade fonte de parte da beleza e força dessas mesmas imagens, a linguagem verbal usada pelo Marquês de Wavrin para contextualizar ou descrever o que vemos (seja no escasso comentário em off, seja nos cartões dos intertítulos), trai amiúde a natureza cristalina do que é representado e a força contida nas próprias imagens.

Evocando a sequência mais célebre e polémica do filme, a de uma cerimónia realizada pelos Jivaros, em que estes depois de matarem os inimigos em combate, transformam as suas cabeças em múmias reduzidas, ritual conhecido Tzan-Tza, o título “Au Pays du scalp” foi escolhido pelos produtores do filme de modo a conquistar mais audiências. O destaque dado a esta curiosíssima cerimónia pelo título, correspondendo ela apenas a cerca de cinco minutos próximos do final, e o modo como foi recebida, acabou por mergulhar o filme num sensacionalismo que o transcende, que aliás é exacerbado ainda pelo texto inscrito nos cartões, que salienta a violência dos Jivaros. Mas tudo isto contrasta com o modo como de Wavrin filma os restantes gestos quotidianos dos Jivaro, como a belíssima sequência em que os filma a dormir nas suas camas de bambu. Pleno de

contradições, de Wavrin exhibe a dada altura os troféus da caça, preenchendo o cliché do explorador europeu aristocrático (o som de uma espingarda a disparar sobre uma animal irrompe mesmo inesperadamente no filme), ou escreve num intertítulo que “a civilização penetra no interior do Brasil”. Contudo, ergue-se também em defesa dos indígenas contra o conquistador espanhol, como tão bem revela nos comentários que acompanham as extraordinárias imagens de Machu Picchu. Anos mais tarde de Wavrin iria empenhar-se na defesa de vários grupos de indígenas que retratou, então fortemente ameaçados.

Au Pays du scalp conta ainda com a participação de vários colaboradores ilustres, destacando-se o papel de Alberto Cavalcanti, responsável pela montagem e pelo som do filme, e Maurice Jaubert, convidado para compor a banda sonora. Conhecidos pelo seu envolvimento com as vanguardas parisienses e pela valorização da experimentação, o contributo de ambos era aguardado com entusiasmo. Sobre esta colaboração em **Au Pays du scalp**, Maryline Desbriolles escreveu (em *Le Beau Temps*) “De momento Cavalcanti é o montador de **Au Pays du scalp**, do explorador belga, o Marquês de Wavrin, para o qual o Maurice Jaubert compõe a música. Não vi o filme, mas a montagem do marquês deve ser capital: ele deve ter reduzido e sobretudo interpretado as imagens dos vinte mil metros de película acumulados durante quatro anos de rodagem ‘com o Marquês de Wavrin em direcção às raízes da Amazônia’, como anuncia o cartaz. Um cartaz muito colorido em que dois índios estilizados estão ocupados a pintar mutuamente os seus corpos. Do filme apenas conheço o cartaz e a crítica elogiosa de Jean Painlevé.”

Se este é um comentário que eleva as expectativas, convém dizer que não é a montagem ou a banda sonora que exacerbam as qualidades do filme. Muitas das sequências beneficiariam em ser vistas sem a banda sonora que as acompanha e sem os comentários, uma sensação que temos ao longo de todo o filme. Em sintonia com as expectativas da época, o som, a música ou a narração apelam ao tal gosto pelo “exótico” contradizendo frequentemente o que vemos nas imagens: uma lindíssima dança tradicional Inca; a dança dos Ocaina ao som dos tam-tam, depois da belíssima preparação para a festa. Falta-nos a música, tanto mais que pensamos na beleza da música repetitiva dos Tarahumara filmados anos mais tarde por Raymonde Carasco e Régis Hébraud. Mas falta-nos também o silêncio que nos permita apreciar em toda a sua grandeza, a beleza da última sequência do filme, em que Robert de Wavrin fima magistralmente o nascimento e o voo dos impressionantes bandos de aves que atravessam as ilhas Guano. Únicas imagens que conhecíamos previamente do filme e pelas quais valeu a pena esperar.

Joana Ascensão